

RUA BEM-TE-VI

Decreto nº 5246 de 07-10-1977

Formada pela rua 5 da Vila Padre Manoel de

Nóbrega - 1a. parte

Início na rua Canário

Término na rua Codorna

Vila Padre Manoel de Nóbrega

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Francisco Amaral. Protocolado nº 8.957 de 15-04-1977.

BEM-TE-VI

O Bem-te-vi pode chegar às vèzes a ter de 25 a 30 centímetros de comprimento, penas acastanhadas nas costas e de amarelo-exnxôfre na barriga. A côr branca da garganta, sai da raiz do bico, passando sôbre os olhos e indo até a parte de cima da cabeça lhes dão um aspecto bastante inteligente. Têm uma crista escondida de amarelo brilhante, que se manifesta quando estão muito excitados. Vivem geralmente aos pares ou em pequenos grupos, em zonas abertas como quintais, praças ou parques. Sempre acesos, vivazes, típicos por sua vivacidade na procura de insetos, larvas, sementes, pequenos peixes e até filhotes de outros pássaros menores. Tudo o que encontram comem, sem o cuidado de selecionar. É uma festa por ocasião da revoada de içás, bitus e aleluias, que devoram vorazmente. Um outra praga que encontra no Bem-te-vi seu grande inimigo é o bicho-cesto, larva de lepidóptero que é prejudicial aos cafezais. Durante o período da cria, lutam pelo predomínio de sua zona, construindo os seus ninhos com grande volume de ramas, lâ, pasto seco e cerdas. A fêmea põe geralmente cinco ovos de côr creme com manchas de vermelho escuro e o casal está sempre na defesa de seu ninho. Os filhotes ao sair do ninho, já os tentam a plumagem dos adultos, diferenciando-se somente por possuírem uma linha amarela ao redor do bico. Adaptam-se facilmente ao cativeiro, em criadouros espaçosos, alimentando-se de carne, oão com leite ou água, frutas, larvas, etc. Todavia, é desaconselhável a criação em cativeiro, desde que reduz em muito seu tempo de vida, morrendo logo.

DECRETO N.º 4936, DE 25 DE AGOSTO DE 1.976.**Dá denominação a uma Via Pública da cidade de
Campinas**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de Dezembro de 1969,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada Rua BENEDITA AMARAL PINTO a Rua 15 do Jardim Santa Genebra — 1.ª parte com início à Rua 4 e término à rua 17 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 25 de agosto de 1.976.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
Prefeito do Município de Campinas

DR. JOAO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º GILBERTO MEIRA BIOLCHINI
Secretário de Obras e Serv. Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos por Carlos Roberto M. Guimarães, Chefe do SA da CJ, com os elementos constantes do protocolado 12210, de 11 de Maio de 1.976 e, publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito em data supra.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete



DECRETO N.º 5246, DE 7 DE OUTUBRO DE 1977

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 — Lei Orgânica dos Municípios,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Ficam denominadas as seguintes vias públicas a seguir descritas, localizadas na Vila Padre Manoel de Nóbrega, 1.ª Parte;

"RUA ALBATROZ" a Rua 1, com início na divisa do loteamento citado no caput deste artigo e término na Rua 9 do mesmo loteamento;

"RUA ARAPONGA" a Rua 2, com início na Rua 1 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA AZULÃO" a Rua 3, com início na Rua 9 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA BEIJA-FLOR" a Rua 4, com início na Rua 9 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA BEM-TE-VI" a Rua 5, com início na Rua 9 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA BIGUA" a Rua 6, com início na Rua 10 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA BATUIRA" a Rua 7, com início na Rua 10 e término na Rua 11 do mesmo loteamento;

"RUA COTOVIA" a Rua 8, com início na Rua 10 e término na divisa do mesmo loteamento;

"RUA CANÁRIO" àquela formada pelas Ruas 9 da 1.ª Parte e 26 da 2.ª Parte do loteamento supra mencionado, com início na divisa Sul e término na divisa Norte do mesmo loteamento;

"RUA DO CISNE" a Rua 10, com início na Rua 4 e término na Rua 7 do mesmo loteamento;

"RUA CONDOR" a Rua 11, com início na Rua 4 e término na Rua 8 do mesmo loteamento;

"RUA CODORNA" a Rua 12, com início na Rua 1 e término na Rua 8 do mesmo loteamento;

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 7 de outubro de 1977

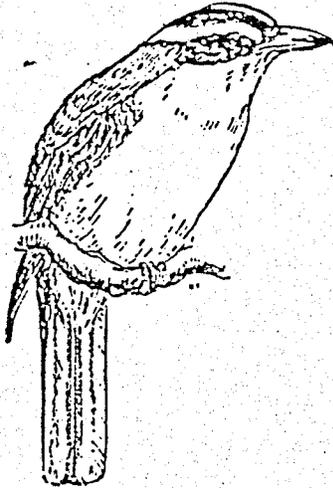
DR. FRANCISCO AMARAL
 Prefeito do Município de Campinas
 DR. RALPH TORTIMA STETTINGER
 Secretário dos Negócios Jurídicos
 Eng.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
 Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos — Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica, com os elementos constantes do protocolado n.º 8.957, de 15 de abril de 1977, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 7 de outubro de 1977.

DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
 Chefe do Gabinete do Prefeito



BEM-TE-VI — (*Pitangus sulphuratus sulphuratus*) — Vertebrados — Classe: Aves — Ordem: Passeriformes. Esta espécie pode ser considerada como o verdadeiro tipo do grupo dos bem-te-vis, o que deu o nome a certos parentes, que se assemelham pouco ou muito com êles. Mede de 24½ a 25 cm, sendo, portanto, dos maiores da família; tem o bico longo, recur-



vado na ponta, o que o faz diferente do seu primo bem-te-vi-de-bico-chato, com quem muito se assemelha. A parte das costas é castanha e da barriga amarelo-enzôfre. A côr branca da garganta, sai da raiz do bico, passando sôbre os olhos e indo até a parte de cima da cabeça. O macho tem no cocuruto, uma raja central de côr amarela, entre penas escuras. Vive nas bordas das costas é castanha e a da dos. No Estado do Rio, tem o nome de siririca. O ninho é redondo, com entrada lateral,

teto reforçado por uma cobertura saliente. É feito em árvores sêcas, situadas em campo aberto, na ponta de galhos, ou em forquilhas. É bem feito e, em sua execução, são usados vegetais vários e secos. Põe geralmente quatro ovos; o ôvo é branco, no momento da postura, ficando, logo depois, de um tom de marfim velho. Possui, também uma coroa pequena de pontuações azuladas ou pardas. Moralmente, o bem-te-vi é muito semelhante a indivíduos faladores e de gestos largos. Sua presença é sempre denunciada pelo alvoroço, que faz nos lugares, onde se encontra. Vive aos casais, reunindo-se às vêzes até dez dêles. Passam a viver juntos correndo, brincando e soltando gritos, mudando de atitudes, na época dos amôres. Os machos passam, então, a procurar suas companheiras e os solteirões são enxotados. Sua garganta possui músculos fortíssimos, pois prenunciam a época dos amôres, com gritos incessantes. É êsse pequeno pássaro, um grande comilão; além de devorar todos os insetos, como os ovos dos outros pássaros, e sabe pescar muito bem. Quando em cativoiro, torna-se manso, mas morre, geralmente, em pouco tempo.

A espécie do bem-te-vi de que falamos, e outras subespécies, são encontradas em todo o País, assim localizados: *P. sulphuratus*, é da Amazônia brasileira, bem como do nordeste do Peru, leste do Equador e as Guianas. *P. s. maximiliani*, ocorre no Brasil central e oriental e leste da Bolívia. *P. s. trinitatis* é do extremo norte do Brasil, da região onde se forma o Rio Branco. *P. s. bolivianus*, no extremo sul do Brasil (Rio Grande do Sul) e ainda o Altiplano da Bolívia, norte e leste da Argentina, Paraguai, Uruguai, sendo conhecido neste último país, por pitanguá e purintanguá. Na Amazônia, vivem outros bem-te-vis, como o *Pitangus lictor* conhecido como bem-te-vi-pequeno, filho-de-bem-te-vi, sendo, ainda, encontrados no Maranhão, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Goiás, Mato Grosso. A voz do bem-te-vi é cantar ou estridular.



NOTAS DA SOR

O Bentevi

Do lugar em que estamos escrevendo agora podemos ouvir nas copas das árvores circunvizinhas os seus gritos que chegam aos nossos ouvidos com o seu — "Bentevi-Bentevi". Sentimos uma grande alegria ao pensar que neste mundo ainda existem seres que gozam as suas vidas, como estes humildes pássaros, que felizmente como os nossos pardais, ainda não têm um preço que despoerte a cabeça do homem e conseguem viver livremente em nossos campos e quintais. As raças brancas e negras que cruzam as suas cabeças lhes dão um aspecto bastante inteligente. Têm uma crista escondida de amarelo brilhante que se manifesta quando estão muito excitados. Porém o seu caráter agressivo é tão conhecido e o seu canto tão escasso de valor, que poucos criadouros os mantêm em cativeiro. Vivem geralmente aos pares ou em pequenos grupos em zonas abertas como quintais, praças ou parques. É mais no inverno que procuram integrar-se ao ritmo das cidades, visitando nossos quintais ou hortas. Sempre ácidos, vivazes, típicos por sua vivacidade na procura de insetos, larvas, sementes, pequenos peixes ou filhotes de outros pássaros menores. Tudo o que encontram lhes vêm bem, sem o cuidado de selecionar. As vezes conseguem engulir uma fruta inteira.

Conservam-se estáticos nas copas das árvores por alguns momentos, até que repentinamente alçam vôo vertical na procura do alimento para si e para seus fi-

lhos. Costumam banhar-se, uma, duas, três vezes, até seu corpo ficar empapado. Então secam-se ao sol para iniciarem uma nova busca de suas necessidades.

Adaptam-se facilmente em cativeiro, em criadouros espaçosos, alimentando-se de carne, pão com leite ou com água, frutas, larvas, etc.

Durante o período da criação, lutam pelo predomínio de sua zona, construindo os seus ninhos com grande volume de ramas, lâ, pasto seco e cerdas. Formam o ninho muito grande e coberto, no formato de uma bola de futebol, com a entrada no lado de cima.

Ficam muito docéis quando criados em cativeiro. Tivemos em nosso criadouro um Bentevi que tornou-se extremamente manso e por ter um pequeno defeito em uma das asas não conseguia voar. De tal forma afeiçoou-se ao nosso trato que todas as manhãs reclamava a sua ração diária com o seu tradicional grito "Bentevi-Bentevi". Chamamo-lo de Volmir, graças as acrobacias que fazia em nosso viveiro. Pousava em nossa mão para devorar vorazmente a sua ração de carne ou larvas. Agora em liberdade, ainda volta periodicamente para buscar sua ração diária.

A fêmea geralmente põe cinco ovos de cor creme com manchas de vermelho escuro e o casal está sempre na defesa de seu ninho. Os filhotes ao sair do ninho, já ostentam as plumagens dos adultos, diferenciando-se somente por possuírem uma linha amarela ao redor do bico. Desaconselhamos totalmente criá-los junto com outros pássaros de menor porte, devido a sua agressividade.

(Extraído do suplemento rural do jornal "Correio do Povo", de

Porto Alegre (RS) de 24-janeiro-1975)

Os bem-te-vis

Grandes destruidores de insetos nocivos às lavouras, os bem-te-vis apesar dessa ajuda à agricultura, são prejudiciais quando próximos de criações de peixes e rãs, por serem exímios pescadores.



Santin Gravena

Os tiranídeos formam um grupo muito popular de pássaros que compreende cerca de 170 espécies que vivem na região tropical. Algumas das mais comuns são a viuvinha, a lavadeira, o suiriri, o siriri e o bem-te-vi. Todos são insetívoros e prestam grande ajuda aos agricultores, pois perseguem muitas pragas de importância econômica.

A. de Miranda Ribeiro, em sua obra "Considerações preliminares sobre a

Zoogeografia brasileira", escreve que a família dos tiranídeos é, talvez, a que mais mereça proteção por parte do Estado pelos benefícios que produz ao destruir insetos nocivos à lavoura.

Os principais representantes dos tiranídeos são, sem dúvida, os bem-te-vis e siriris. Os dois grupos são muito semelhantes, tanto nos hábitos quanto na aparência. As espécies que merecem destaque são o bem-te-vi pequeno, o verdadeiro e o siriri.

O bem-te-vi pequeno é talvez o mais vulgar; recebeu denominação popular por ser muito semelhante ao seu primo maior, considerado o verdadeiro bem-te-vi. Várias espécies são chamadas de bem-te-vi-pequeno, embora suas dimensões sejam de 16 a 19 cm, com barriga amarela e do r s o c i n z e n t o -esverdeado. Muitos o tratam de bem-te-vizinho, por ser menor que o verdadeiro.

O siriri, cujo nome científico é sugestivo, *Thyrannus melancholicus*, é um dos pássaros mais comuns, desde o México até o sul do continente. Parece que o seu nome científico se deve à sua eterna perseguição aos gaviões e ao canto melancólico, parecendo soar as próprias sílabas do nome vulgar. Gosta de se postar nos galhos e ponteiros mais altos das árvores, de onde, de quando em vez, deixa-se cair num vôo rasante, voltando em seguida para esse locais estratégicos.

O siriri é de cor cinzento-esverdeada na parte superior do corpo, tendo na cabeça penas eriçadas de cor vermelha viva. A barriga é de um amarelo bem vivo e, o peito, um tanto esverdeado. Seu alimento constitui-se de insetos em vôo; consta que tem certa predileção por formigas aladas, principalmente lçãs.

De todos os tiranídeos, o mais popular é o bem-te-vi verdadeiro. É pássaro muito conhecido pelo seu canto, em que entoa sílabas perfeitas: bem-te-vi. É o máximo representante dos tiranídeos, a ponto de emprestar seu nome à designação genérica de toda a família. Mede cerca de 25 cm e tem o bico comprido e recurvado na ponta. As penas da parte costal são de tom marrom escuro e a barriga é de coloração amarelo-clara. A garganta é branca, com uma lista que vai da base do bico, passando por cima dos olhos, até a parte posterior da cabeça.

Pitangus sulfuratus é o seu nome científico. O macho tem um topete de penas escuras, entremeadas de penas amarelas. A fêmea difere do macho por não apresentar penas eriçadas na cabeça. São encontrados nas orlas das matas, vivendo em pequenos grupos. Seus ninhos são feitos na forquilha de galhos, geralmente em árvores secas e em campo aberto, ensolarado.

O bem-te-vi é muito sensível ao catifeiro. Apesar de acostumar-se bem, tornando-se manso e comer até frutas como alimento, morre em pouco tempo. Do ponto de vista econômico, é prejudicial ao homem apenas nas proximidades de criações de peixes e rãs. É exímio pescador, atacando ovos, alevinos, pequenos peixes e rãs, em explorações comerciais. Por isso, é combatido pelos criadores que, contra eles, utilizam até armas de fogo. A maneira de preservar esses pássaros nesses locais, seria a proteção de tanques pequenos com telas de arame, que impediriam o ataque dos bem-te-vis.

Sua ação benéfica se dá por ocasião de revoadas de içãs, bitus e aleluias, que devoram vorazmente. Uma outra praga que encontra no bem-te-vi seu grande inimigo é o bicho-cesto. É uma larva de

lepidóptero cuja fêmea nunca se transforma em adulto, ficando sempre encerrada no interior do casulo. Este forma uma espécie de cesto, entre teias e gravetos entremeados. A fêmea se acasala com o macho alado dentro do próprio cesto. Ela põe cerca de 3.000 ovos, dos quais nascem as larvas, que saem do cesto e constroem seus próprios abrigos. O período larval dura cerca de cinco meses, após o qual se fixam nos ramos. As fêmeas permanecem no cesto, na forma larval, e por isso são chamadas larvas neotênicas. Os machos saem do cesto na forma adulta alada normal.

No Brasil, o bicho-cesto constitui, em certas regiões, séria praga do café, pois reduz a área foliar e ramos. A praga é também considerada importante em floresta. O bem-te-vi é um dos seus maiores inimigos. Como o casulo é muito forte, o pássaro prefere ficar à espreita, esperando que a larva ponha a cabeça para fora, quando a apanha com astúcia e presteza, com o bico. Quando não o consegue por esse meio, apanha o cesto e o destrói para caçar a larva.

Os apicultores o temem pois acreditam que ele ataca as abelhas. Entretanto, abrindo-se o estômago do bem-te-vi e do siriri, verificou-se que nele há apenas zangões, maiores e mais lentos que as operárias. Além disso, o desaparecimento dos zangões não afeta a colmeia, pois eles chegam a ocupar espaço em detrimento da produção de mel. São, pois, infundadas as suspeitas de que os dois pássaros sejam maléficis à apicultura. É fácil constatar que só perseguem os zangões.

Pela ação benéfica dos bem-te-vis e siriris, seria de bom alvitre preservá-los, evitando a sua extinção nos campos.